

CLUBES DE FUTEBOL OPERÁRIO COMO ESPAÇO DE AUTONOMIA E DOMINAÇÃO

Miguel Enrique Stédile¹

Resumo: Os clubes de futebol operários são o objeto deste trabalho, procurando identificar relações de dominação e resistência manifestas, através de uma forma específica de organização e de um espaço determinado de sociabilidade, durante o tempo livre destes trabalhadores, buscando compreender o futebol como campo de disputa entre operários e industriais, fora das fábricas, como espaço para formação de laços de solidariedade e identidade ou de subordinação e disciplinamento.

Palavras-chave: Futebol; operários; sociabilidade; identidade.

CLUBS SOCCER WORKER AS A SPACE OF AUTONOMY AND DOMINATION

Abstract: The workers' football teams are the subject of this work. We seek here to identify relations of manifest domination and resistance, through an specific form of organization and a determined space of sociability, during the free time of these workers, seeking to understand football as a place of dispute between workers and industrialists, outside of the factories; as a space for the formation of bonds solidarity and identity or subordination and disciplining.

Keywords: Football; workers; sociability; identity.

Os clubes de futebol operários, como instrumentos de democratização do acesso à prática esportiva e espaços de disputa entre o protagonismo dos trabalhadores e o controle dos industriais são o objeto deste trabalho. As fábricas, assim como as escolas e os portos, são diretamente responsáveis pela expansão e popularização do futebol. Contemporâneo da revolução industrial, o futebol moderno nasce

¹ Mestre em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professor do Instituto de Educação Josué de Castro (IEJC), Veranópolis, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: miguel.stedile@gmail.com

simultâneo à urbanização veloz das cidades, à expansão fabril e, portanto, ao surgimento dos próprios operários.

Inicialmente, um esporte de elite, praticado em colégios tradicionais, em partidas cheias de solenidades, disputadas por cavalheiros. Em sentido oposto, vindos do campo, formando e engrossando os bairros e cidades industriais, os operários foram responsáveis por retirarem a prática do esporte dessa exclusividade elitista, para popularizá-lo, difundi-lo e incorporá-lo como parte de uma cultura proletária, ocupando o tempo livre do operariado, como prática ou como tema das discussões de mesas de bar.

A adesão dos operários ao jogo, na Inglaterra, pode ser explicada pelo vácuo surgido nos lazeres populares, entre 1820 e 1860, com o êxodo para as cidades que extinguiu práticas como uma versão primitiva do futebol, o adestramento de cães para atacar ursos e a briga de galo². Ao mesmo tempo, reproduzia em campo, um ambiente que era muito familiar para quem estava na fábrica: a especialização das funções (cada pessoa tem uma função no time como na fábrica), o trabalho coletivo, a disciplina através da fixação das regras e do controle do tempo, além da competitividade e do estabelecimento de metas.

Assim, na década de 1880, o futebol já era o esporte proletário da massa, quase uma *religião leiga*³ e nos próximos anos, se testemunharia a fundação de centenas de clubes operários como o Dial Square (depois Arsenal Football Club) formado por operários da Woolwich Arsenal Armament Factory, o Coventry por empregados de uma fábrica de bicicletas, o West Ham dos trabalhadores do estaleiro Thames Ironworks and Shipbuilding Co. Ltd ou o Milwall, dos trabalhadores da fábrica de geléia Morton's Jam.

No *Manifesto Comunista*, Karl Marx alertava aos operários que nada tinham a perder, além das correntes que os prendiam. Ao contrário, tinham um mundo inteiro a ganhar. No ano em que Marx faleceu, os operários tomaram o poder ao menos no futebol inglês. Em 1883, a Copa da Inglaterra

² GIULIANOTTI, Richard. *Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões*. São Paulo: Nova Alexandria, 2002. P.20

³ HOBBSAWM, Eric. *Mundos do Trabalho*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.p.268

foi vencida pelo Blackburn Olympic - formado por tecelões e mineiros, além de um encanador e um operador de fundição de ferro – derrotando o tradicional time do Old Etonians. Nada mais apropriado para simbolizar a ascensão dos times operários e a derrocada da prática amadora. Nesse momento, esse esporte já se encontrava devidamente incrustado na cultura operária:

O operário se identificava com o seu time contra o resto do mundo — na verdade, em cidades suficientemente grandes, ele se identificava com uma das metades—, City ou United, Forest ou County, que entre si definiam o cidadão de Manchester, Nottingham ou de qualquer parte. O modelo da cultura do futebol, entretanto, era o mesmo em todos os lugares — com um pouco mais ou um pouco menos de emoção—, e era um modelo nacional, ou, para ser mais preciso, um modelo da nação proletária, visto que o mapa da Federação de Futebol era praticamente idêntico ao mapa da Inglaterra industrial. Ele era nacional até na conquista anual simbólica do espaço público da capital nacional pelos dois exércitos proletários provincianos que invadiam Londres para o jogo de decisão do campeonato⁴.

Depois, era a vez dos portos. Acompanhando a expansão do capital inglês, no final do século XIX e início do XX, o futebol difundiu-se por todo o globo. Dos navios ingleses, desembarcavam produtos de sua poderosa manufatura, mas também funcionários, operários e técnicos especializados de empresas inglesas, ávidas pelo gás, pela energia elétrica, pelas linhas telefônicas e estradas de ferro. São em portos como Buenos Aires, Montevideú, Valparaíso ou Rio Grande que, entre a carga de matérias-primas baratas e o descarregar das manufaturas, era possível surpreender a população local com inusitadas exhibições do futebol pelos marinheiros de Sua Majestade.

Provavelmente, em virtude de maior presença inglesa, o futebol na América do Sul difundiu-se com maior agilidade na Argentina, Uruguai e no Chile. Entre os argentinos, por exemplo, o futebol já era praticado desde a década de 1860, portanto, simultânea à sua regulamentação definitiva na Inglaterra.

⁴ HOBSBAWM, *op.cit.*, p.291.

Nesse processo, novamente, identifica-se o papel dos operários na difusão e organização do futebol. Na Argentina, ferroviários fundaram o Central Argentine Railway Club (hoje, Rosário Central) em 1889 e o Atlético Talleres Central Córdoba, dos trabalhadores da Córdoba Central Railway, em 1913. O Argentino Juniors fora fundado em 1904, como Mártires de Chicago, em homenagem ao Primeiro de Maio, Dia do Trabalhador, mesma data escolhida para a fundação do Chacarita Juniors, em 1906, na sede de uma biblioteca socialista.

No Uruguai, o futebol é introduzido formalmente em 1881. Dez anos depois, funda-se o Central Uruguay Railways Cricket Club, reunindo predominantemente jovens ingleses, empregados dessa empresa, e tinha o próprio gerente da ferrovia como seu primeiro presidente. Gradativamente, seu espaço foi ocupado pelos operários uruguaios, a ponto de rebatizar-se como Peñarol, doze anos depois, referindo-se ao bairro operário onde concentrava-se a maioria de seus jogadores e torcedores. Seis anos depois, trabalhadores do porto de Montevideú fundavam o River Plate Football Club⁵ e em 1914, mineiros fundam o Club Atlético Progreso, com cores vermelhas por influência anarquista.

No Brasil, assim como na Inglaterra, o futebol nasceu como uma exclusividade da elite. Os campos e depois os pavilhões – antecessores dos estádios - eram palcos para a afirmação de modismos e hábitos europeus de uma juventude endinheirada que celebrava ali seu cosmopolitismo e refinamento⁶. De tal forma que as primeiras referências na imprensa às atividades esportivas possam ser também vistas como verdadeiras coberturas sociais das atividades da alta sociedade⁷. Frequentemente, as partidas eram anunciadas por convites e incluíam em seu programa, bailes e jantares comemorativos que reuniam os dois times.

⁵ Não se deve confundir esse River Plate, extinto em 1925, com o Club Atlético River Plate, criado em 1932 e em atividade na primeira divisão do futebol uruguaio.

⁶ PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania*. Uma História Social do Futebol no Rio de Janeiro (1902-1938). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

⁷ FRAGA, Gerson Wasen. “A Derrota do Jeca” na imprensa brasileira: Nacionalismo, Civilização e Futebol na Copa do Mundo de 1950. Porto Alegre: UFRGS (Tese de Doutorado), 2009.p.154

A elitização do futebol no Brasil ganhou ainda outro tempero: o racial. A escravidão fora abolida há apenas seis anos, quando Charles Miller organizou a primeira partida oficialmente documentada. Antes, as elites brasileiras tinham horror a qualquer prática física, pois o esforço era associado a trabalho e este era uma exclusividade dos pobres e escravos. Agora, as novas teorias europeias, especialmente germânicas, pregavam o ar livre e o exercício como fortalecedores do caráter e do corpo. *Mens sana in corpore sano*.

A exaltação do vigor e o culto ao físico ganham qualidades higienistas e saneadoras, compensatórias da “fraqueza” do corpo. E o esporte oferecia agora uma perfeita oportunidade para que os cavalheiros, convertidos em *sportsmen* (esportistas), afirmassem sua distinção em relação ao caráter “preguiçoso e malemolente” da alma nacional. Dessa forma, proliferaram clubes e práticas esportivas como remo, turfe, ciclismo e, um pouco depois, o futebol.

Assim, como a política na República Velha, o futebol é um espaço de participação restrito às antigas oligarquias ou famílias com propriedades. O discurso cavalheiresco revela também a idéia de propriedade da bola e da ordem. As massas populares seriam tão incapazes de praticar esportes, quanto de praticar política. Somente uma elite forte - autoritária - reuniria as qualidades necessárias para a prática esportiva ou para a condução do país.

Na política, o poder das oligarquias seria questionado e abalado pelas greves do início do século, pela Coluna Prestes e, finalmente, derrocado com a *Revolução de 30*, quando Getúlio Vargas chegou ao poder representando os interesses da burguesia industrial e das classes médias urbanas. E, igualmente, no futebol, os setores urbanos, de classe média e o proletariado, foram se apropriando do esporte sem pedir licença e questionando sua “aura” elitista. Nem sempre bem-vindos e, por isso, ocupavam com mais frequência o alto de árvores, muros e morros do que as arquibancadas e pavilhões. Enquanto os praticantes da elite importavam as bolas da Inglaterra, na rua, um par de meias poderia se tornar uma bola e dois sapatos se transformavam em goleira. Justamente esta facilidade em

improvisar a bola ou o campo, permitia que o esporte passasse a ser praticado tanto nos clubes, quanto nas várzeas, ruas e terrenos de fábricas.

Em São Paulo, a popularidade do futebol obrigara os clubes da elite a alternarem-se em campo com os times populares – como o Mancha de Sangue Futebol Clube ou São José Operário Futebol Clube - na várzea do Carmo. Motivo pelo qual o Clube Atlético Paulistano convencera a Prefeitura municipal em transformar o antigo velódromo em campo de futebol, deixando o Carmo para os populares, que passaram a ser conhecidos como “varzeanos”⁸.

Além da separação dos campos, a criação da Liga Paulista de Futebol, em 1901, restrita aos cinco times da elite paulistana, consolidaria a separação entre os “grandes” e “pequenos” clubes. Mesmo caminho tomado no Rio de Janeiro, quatro anos depois, com a criação da Liga Metropolitana de Football.

Em seu estudo sobre a história social do futebol no Rio de Janeiro, Leonardo Miranda Pereira⁹ identifica na década de 1920 um amplo processo de proliferação de pequenos centros esportivos por toda a cidade, organizados por vizinhança, com diretorias heterogêneas e critérios mais flexíveis e acessíveis de adesão, incluindo os valores cobrados de jóias e mensalidades, mas especialmente a indistinção de cor ou nacionalidade.

Dessa forma, segundo Pereira, o futebol permitia aos trabalhadores um espaço de efetivação de suas práticas recreativas e de seus valores e que lhe permitiam realizar pelas ruas suas próprias festas e jogos.¹⁰

As fábricas, como as ruas e várzeas, fizeram parte do processo de democratização e popularização do futebol. Os operários, porém, encontraram oposição na própria categoria. Os anarquistas, que constituíam a principal força do nascente movimento sindical brasileiro nas duas primeiras décadas do século XX, rejeitavam a prática do futebol entre os operários.

⁸ SANTOS NETO, José Moraes dos. *Visão do jogo: primórdios do futebol no Brasil*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002. pp.49-50.

⁹ Op.cit., p.231.

¹⁰ Idem, pp.231-232.

Os argumentos dos militantes anarquistas concentravam-se na inutilidade de sua prática, na sua origem burguesa e na anulação do intelecto pelo físico, que resultava em uma paixão exacerbada, que levava ao predomínio das emoções vulgares sobre o pensamento racional, resultando em violência que atingia praticantes e torcedores. De tal forma que o jornal paulista, *A Plebe*, considerava como três, “os meios infalíveis dos ricos exploradores para tornarem a classe operária uma massa bruta”: o esporte, o padre e a política¹¹.

Naturalmente, os clubes organizados *por* ou *nas* fábricas recebiam críticas mais contundentes, especialmente aqueles que utilizassem – logo, defendessem – o nome da própria empresa, como se vê neste trecho do jornal *A Terra Livre*, do Rio de Janeiro:

Quanto ao foot-ball, o caso foi assim: um grupo de 10 ou 12 (alguns já com netos) foi pedir ao gerente licença para fazer um jogo de football. Os patrões gostam que os operários gastem as suas energias nessas coisas e por isso o pedido foi logo satisfeito. Demais o jogo deveria ser entre o coreto e a casa do “senhor coronel” de certo para divertir os amáveis burgueses. O escravo também é palhaço.¹²

Porém, na medida em que o futebol populariza-se e torna-se cada vez mais de interesse dos operários e parte de sua cultura, os anarquistas vão percebendo a ineficiência desse discurso e obrigam-se a reconhecer e incorporar essa prática esportiva. O mesmo periódico *A Plebe*, que outrora incluiu o esporte entre os três inimigos do proletariado, em outro artigo orgulhava-se de seus praticantes:

Com franqueza deve-se dizer que parte tiveram bastante saliente do festival os duelos esportivos, aqueles rapazes sadios e cheios de energia trouxeram as milhares de pessoas que acorreram ao jardim em grande atividade. (...) O match de foot-ball foi disputado com galhardia pelos times dos clubes do Sport Clube Saturno e da Associação Atlética República, saindo vencedor a primeira por 2 gols a 1. Disputaram igualmente bastante interesses corridas a pé e de bicicleta, bem como os exercícios de salto de cujo o resultado nos ocuparemos amanhã. Devemos, entretanto desde já evidenciar a com garbo que todos se portaram,

¹¹ CABRAL, Michelle Nascimento. *Teatro Anarquista, Futebol e Propaganda: Tensões e contradições no âmbito do lazer*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008. (Dissertação de Mestrado).

¹² *A Terra Livre*, 09.10.1906 apud CABRAL, Op.cit, p.100.

associando-se bravamente aquela festa de expansões proletárias. Bravo! Aos moços esportivos. Oxalá continuem a se interessar pelas obras levantadas, demonstrando que não praticam o sport pelo sport.¹³

Os comunistas, que se organizam no país principalmente a partir de 1922, com a fundação do Partido Comunista - Seção Brasileira (PCB), também demonstram, inicialmente, hostilidade ao esporte, mas mudam sua política com mais rapidez do que os anarquistas. Os comunistas no Rio Grande do Sul, por exemplo, organizaram uma Federação de Esportes Proletários. Um de seus principais dirigentes fora Jacob Koutzii, responsável pela organização da Juventude Comunista. Segundo depoimento de Eloy Martins, Koutzii “difícilmente passava um domingo sem ir aos jogos de futebol de times operários de empresas industriais”¹⁴.

O próprio Martins, futura liderança metalúrgica e comunista em Porto Alegre, fora recrutado em 1928, aos 17 anos, quando disputara um torneio jogando pelo time do estaleiro Alcaraz & Cia, ocasião em que fora apresentado a um moço “que depois de uma explanação política, gentilmente nos ofereceu exemplares de ‘A Classe Operária’”. Naquele período, “Havia um grande movimento de futebol de empresa e ele atuava [Jacob], era meio técnico”¹⁵.

O Paradigma Bangu

Seja por sua longevidade, seja pela expressividade adquirida posteriormente, o Bangu do Rio de Janeiro é a principal referência nacional entre os times operários. Fundado em 1904, por funcionários da tecelagem Companhia Progresso Industrial do Brasil, no subúrbio carioca homônimo, ao contrário de outras equipes, o time seria desde sua origem aberto à participação de outros trabalhadores, em virtude do isolamento geográfico do restante da comunidade britânica no Rio. Em sua primeira partida já contaria com a presença de dois brasileiros, um tecelão da fábrica e um

¹³ A Plebe, 23.09.1919 apud CABRAL, Op.cit.,p.110.

¹⁴ FORTES, Alexandre. *Nós do Quarto Distrito. A Classe trabalhadora porto-alegrense e a Era Vargas*. Campinas, SP: Unicamp,2001 (Tese de Doutorado). pp.385-386.

¹⁵ *Idem*.

empregado do comércio local, recrutados para completar a equipe. Assim, um ano depois, o time era composto por cinco ingleses, três italianos, dois portugueses e um brasileiro, o tecelão mulato Francisco Carregal¹⁶.

Por conta disso, o Bangu é considerado precursor da democratização do acesso ao futebol. Parte dessa referência se deve ao jornalista Mário Filho, em sua obra, *O Negro no futebol brasileiro*, escrita em 1947¹⁷. Para o autor, esse clube de fábrica colocava os operários em igualdade com os mestres ingleses. O Bangu seria democrático não apenas dentro de campo, mas também fora dele, na medida em que abria as portas do seu estádio para todos, onde se confundiam freqüentadores da arquibancada e da geral¹⁸.

A presença dos trabalhadores da fábrica têxtil era tolerada pelos clubes de elite, como Fluminense e Botafogo, mesmo os jogadores negros e mulatos. Tanto porque sua presença no campeonato conferia legitimidade às regras excludentes da Associação Metropolitana de Esportes Atléticos – AMEA, quanto porque seus jogadores não dispunham de todo o tempo livre para os treinos¹⁹, sem constituir num tipo de profissionalismo que ameaçasse estes clubes de elite.

Ainda para Mario Filho, os jogadores-operários passariam a constituir uma elite dentro da fábrica, em comparação com seus pares. Além de sair uma hora antes dos demais empregados para treinar no campo ao lado da fábrica, estes operários recebiam outros privilégios, como a alocação na sala do pano, onde a tarefa era apenas o corte do tecido. Pois,

Operário que jogasse bem futebol, que garantisse um lugar no primeiro time, logo ia para a sala do pano. Trabalho mais leve. O operário-jogador, no dia do treino, recebia um ticket. Para apresentar no portão, para poder sair sem perder a hora de trabalho.

O campo era prolongamento da sala do pano, quem entrava na sala do pano só via jogador do primeiro time dobrando

¹⁶ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no futebol brasileiro*. 4ª edição. Rio de Janeiro: Mauad, 2003. pp.32-33

¹⁷ Não cabe aqui discutirmos a essência dessa obra, ainda polêmica, por sua defesa de que o futebol foi capaz de promover uma *democracia racial* e, desta forma, contribuir para a conciliação e harmonização social do Brasil, através da integração étnica.

¹⁸ Op.cit, pp.42-43.

¹⁹ idem, p.130

fazenda. Devagar, para não cansar, reservando suas energias para o treino.²⁰

Logo, a empresa perceberia nessa relação um instrumento para ganhar a lealdade de seus trabalhadores, e que era expressa de forma paternalista, como no abono das faltas dos operários no dia seguinte à conquista do título carioca de 1933. Por isso, também, o interesse da empresa em subsidiar equipamentos e doar o campo para o time.

Mesmo entre os operários-jogadores do Bangu, os privilégios não eram facilmente acessíveis: não bastava jogar futebol para ter um lugar garantido na fábrica, era preciso trabalhar²¹. Dessa forma, mesmo entre os operários-jogadores havia uma hierarquia de privilégios, cuja escala mais baixa era a garantia do emprego trabalhando nos teares. Acima destes estavam a almejada sala de panos e o ápice, o escritório.

Nos teares os mestres não distinguiam um operário comum de um jogador de futebol. Tudo a mesma coisa. A distinção era feita na sala do pano. Depois de trabalhar muito, e, principalmente, de jogar muito, o operário-jogador ganhava o prêmio da sala do pano. E podia ainda melhorar se continuasse a merecer a confiança da fábrica, do Bangu. Havia o escritório, o trabalho mais suave do que na sala do pano. E o ordenado maior.²²

Sem que o autor destaque, mas a busca por uma posição mais confortável e bem remunerada na fábrica, através do futebol, implicava em subordinar-se à vigilância da própria empresa. Pois a fábrica monitorava o desempenho do operário-jogador em ambos espaços, no campo e na linha de montagem. E, confiava que, habitualmente, um bom jogador seria um bom empregado, pois teria como ambição na vida, vestir a camisa do Bangu, trabalhar na fábrica²³.

Utilizando as atas do Bangu, Leonardo Miranda Pereira²⁴ pode comprovar que a influência da fábrica sobre o clube era ainda mais intensa, expressando-se desde o empréstimo da sede ao fornecimento dos

²⁰ Idem, p.84

²¹ Idem, p.89.

²² Idem, idem.

²³ Idem, ibidem.

²⁴ PEREIRA, Op. cit, 2000.

uniformes, contando ainda com a nomeação do diretor da fábrica, João Ferrer, como presidente honorário do clube.

Além disso, as atas e os registros na imprensa revelam o interesse da fábrica em que a participação de outros operários fosse ampliada no time para que a prática esportiva desenvolvesse “o físico e o moral dos operários”. Para isso, utilizando-se de como mecanismos uma mensalidade mais acessível - cinco vezes mais barata do que a do Fluminense, por exemplo – e o estímulo a outras associações: o Brasil Athletic Club [sic], o Escolar Foot-ball Club e o Esperança Athletic Club [sic], composto, segundo a imprensa esportiva da época, por “uma meninada bem disciplinada e bem-educada”²⁵. A Companhia Progresso Industrial tratava o time como um departamento da própria fábrica e estendia sua presença na vida dos operários para além do horário de trabalho. Mais do que o isolamento geográfico, tratava-se, portanto, de uma estratégia da empresa que funcionaria como modelo para outras indústrias.

Ainda que fosse referência, o modelo de clube operário representado pelo Bangu não se constituía como um padrão único para todos clubes operários, como demonstram trabalhos posteriores mais rigorosos.

Cabe à Fátima Antunes²⁶, o pioneirismo entre os trabalhos acadêmicos sobre clubes operários, abordando essas associações esportivas em São Paulo. Para esta autora, a singularidade do Bangu está no fato de ter nascido como um clube de fábrica, incluindo os operários desde o seu início. Entre outros méritos, seu trabalho comprova a existência de clubes anteriores ao Bangu, por exemplo, como o Votorantim Athletic Club ou Rigoli e Cia. Ltda. Com a compra da Rigoli pelos tecidos Crespi, o clube alteraria o nome para Crespi F.C. e, mais tarde, em C.A. Juventus, tradicional clube do bairro paulistano da Mooca, ainda em atividade.

Ainda, a autora identificou distinções na forma como os operários envolviam-se e praticavam o esporte. Segundo classificação estabelecida pela autora, havia os *peladeiros*, que não tinham no futebol sua principal

²⁵ Idem, p.72

²⁶ ANTUNES, Fátima. *Futebol de fábrica em São Paulo*. São Paulo: USP (Dissertação mestrado), 1992.

preocupação ou atividade, limitando-se à prática informal nos intervalos de trabalho ou nas várzeas, nos finais de semana; havia também os *operários-jogadores* cujo emprego na fábrica era a principal ocupação profissional, mas dedicavam tempos aos treinos e jogos, buscando uma oportunidade financeira nos times principais das Ligas; e , finalmente, *os carreiristas*, aqueles para quem a fábrica era apenas uma etapa inicial em direção a uma carreira exclusivamente no futebol, descompromissada dos vínculos empregatícios²⁷. A autora fora também pioneira em pesquisar o comportamento de agremiações anarquistas e comunistas em relação ao esporte.

Se a presença da fábrica é determinante nas pesquisas anteriores, no caso do trabalho de Victor Emrich (2007)²⁸, é justamente a ausência dela que delinea a especificidade do Esperança Futebol Club, criado em 1915, em Nova Friburgo: o clube é composto por jogadores de diferentes empresas. O antagonismo de classe é expresso, em campo, pelas disputas entre o Nova Esperança e o Friburgo F.C., este formado por cargos da alta gerência. Além disso, alguns de seus dirigentes, tiveram papel proeminente nas mobilizações operárias do período. Ainda, Emrich constata que o Nova Esperança inseria-se em uma rede de relações com outras instituições operárias, formando espaços compartilhados de sociabilidade e identidade.

No caso do Esperança Futebol Clube, o *paradigma Bangu* torna-se nulo como chave explicativa. Afinal, o modelo construído a partir do time do subúrbio carioca parte da relação da fábrica com o clube – as medidas de subsídio, controle e propaganda praticadas pela empresa - e não dos operários com o clube. Ao contrário do Esperança F.C. que se organiza a partir dos trabalhadores e não da fábrica.

²⁷ ANTUNES, Op.cit.,pp.55-56.

²⁸ EMRICH, Victor. *Trabalho, Greves e Futebol: Luta, Identidade e sociabilidade na formação da Classe Trabalhadora Friburguense (1911-1933)*. Rio de Janeiro: UFF (Dissertação mestrado), 2007.

Campos dominação e resistência

O espaço fabril em si é próprio para fomentar as relações de sociabilidade que estão nas bases de organização de um time ou de uma simples partida. Se por um lado, o sistema de fábricas, ao reunir todos os trabalhadores em um único espaço, resolve os problemas de disciplina e hierarquia da produção – tais como o desvio da produção ou utilização de matéria-prima inferior, entre outras possibilidades do sistema anterior, de transição do sistema artesanal para a manufatura -; por outro, coloca em cooperação para a produção de uma mesma mercadoria, um conjunto de trabalhadores outrora isolados e, ainda, como percebeu Thompson, “contribuiu para a transparência do processo de exploração e para a coesão social e cultural do explorado”²⁹, na medida em que permite desvelar a opressão política e econômica.

Somam-se a isso, as relações de vizinhança que se estabelecem e se entrelaçam num bairro operário, onde esses trabalhadores, de uma mesma empresa ou não, estão concentrados num perímetro bem delimitado. A Fiação e Tecidos Porto Alegre (Fiateci), por exemplo, construiu uma série de pequenas casas para seus operários, na área limítrofe da chácara de um de seus diretores³⁰. Novamente, o “preço do controle” para o industrial é promover a concentração num mesmo espaço e, naturalmente, isso permite maior sociabilidade, pela formação de vínculos a partir do espaço e tempo de convivência cotidiana.

Finalmente, desterritorializados, desenraizados de suas comunidades de origem, seja da zona colonial ou de seus países de origem, os operários buscam suprir as lacunas do *sentido comunitário*. Sobre a transição da sociedade pré-industrial para o capitalismo, na Inglaterra dos séculos XVIII e XIX, Thompson³¹ percebeu que mesmo toda a violência da Revolução Industrial, em retirar do campo algumas de suas atividades típicas, não foram suficientes para provocar rupturas nas tradições mais antigas. Ao contrário, a manutenção ou ressignificação dessas tradições estava na base

²⁹ THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa*. 3 volumes. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, vol.II, p.23.

³⁰ PESAVENTO, Sandra Jatahy. *A burguesia gaúcha: dominação do capital e disciplina do trabalho (RS:1889-1930)*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988 (série Documenta). P.83.

³¹ Op. cit, pp. 296-297.

da resistência ao moralismo dos discursos metodistas e do disciplinamento do sistema fabril.

Tratava-se de uma resistência consciente ao desaparecimento de um antigo modo de vida, frequentemente associada ao radicalismo político. Nesta mudança, a perda do tempo livre e repressão ao desejo de se divertir tiveram tanta importância quanto a simples perda física dos direitos comunais e dos locais para recreio.³²

De forma que a cultura urbana inglesa desse período seria mais “rural” e essa cultura rural mais rica do que se supõe. Assim como Thompson, para Hobsbawm (2000, p.262), os centros industriais britânicos permaneceram por muito tempo como comunidades, fosse porque nunca deixaram de ser aldeias ou porque mantiveram as características de “vizinhanças” mesmo quando se integraram à cidade industrial.

O trabalho na fábrica e a vida em um bairro quase exclusivamente operário permitem esse encontro entre “iguais” e a materialização dessas identidades em associações que supram tanto a carência identitária quanto recreativa da comunidade de origem. Desse modo, é inteligível a expansão de agremiações e de esportes coletivos, especialmente o futebol, neste meio, ao invés de práticas desportivas individualizadas, como a ginástica. Assim como Giulianotti (2002) percebera na Inglaterra, o futebol vem suprir o vácuo deixado pela impossibilidade de manutenção das antigas práticas populares de lazer.

Pela soma desses argumentos, não à toa, Antunes (1992) definiu o futebol de fábrica como “a outra via para a democratização do esporte”, onde as próprias fábricas e seus clubes têm importante contribuição para a disseminação do jogo, ao mesmo tempo em que se torna uma “tradição operária”. É nesse contexto, com certa facilidade em improvisar o equipamento necessário – onde meias podem se transformar em bolas e sandálias em traves – e em incorporar e também flexibilizar seu regulamento, torna-se rápida a adesão ao futebol pelas massas. Como sintetizou Antunes,

É provável que inúmeros clubes de fábrica tenham surgido de simples “bate bolas”, ou seja, de partidas de futebol

³² Idem, p.300.

improvisadas, disputadas na rua ou no pátio da fábrica durante o intervalo para o almoço entre aqueles trabalhadores que quisessem jogar. Aos poucos a brincadeira ia ganhando maior organização. (...) Logo, só o intervalo para o almoço já não bastava. Estendeu-se então a atividades para os fins de semana.³³

Essa prática corresponde à matriz futebolística definida por Damo (2005)³⁴ como *bricolada*. Onde se admitem variações da unidade futebolística (duas equipes perseguindo objetivos idênticos, mas assimétricos, em uma disputa mediada por um objeto e com um conjunto de regras circunscrevendo o espaço, o tempo e o ilícito). A bricolagem está a mercê dos agenciamentos, sem limites para a improvisação ou adaptação:

Um jogo bricolado não é incompleto porque só há, por exemplo, três jogadores para cada equipe ou porque jogam descalços. Pelo contrário, é essa bricolagem que caracteriza as peladas: joga-se com o que se dispõe, adequando-se as regras e os recursos materiais. De maneira geral, o tempo da bricolagem é o tempo social do não-trabalho - do lazer, da recreação, do ócio, etc. -, ainda que seus praticantes se empenhem de modo laborioso, com intenso desperdício de energia física e psíquica. A duração do jogo varia de acordo com o ânimo dos praticantes, a disponibilidade de tempo, as condições climáticas, as limitações de horário impostas pela locação dos espaços, entre outros. A divisão das tarefas no âmbito das configurações de jogo propriamente ditas é praticamente inexistente nas peladas, quando muito a distinção entre atacantes e defensores, ou quando esta distinção é bem demarcada, trata-se de arranjos situacionais, ao contrário dos profissionais, especializados na execução de tarefas tão particulares como a cobrança de um corner pelo lado direito.³⁵

Uma vez que não reproduza a divisão social do trabalho, nem nas especializações das funções em campo ou extra-campo; nem busca o rigor disciplinar, nem do tempo, nem das regras; e ainda ocorra em espaços à margem das instituições formais, como a rua, o terreno baldio, o pátio; este futebol bricolado é o oposto da definição do esporte como prolongação da não-liberdade (e, portanto, da fábrica).

³³ ANTUNES, Op.cit, pp.33-34.

³⁴ DAMO, Arlei. *Do dom à profissão: Uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França*. Porto Alegre: UFRGS (Tese de Doutorado), 2005.

³⁵ DAMO, Op.cit, p.37.

Mais além, aproxima-se da dimensão humanizadora do esporte proposta por Heller³⁶, como espaço de desenvolvimento das capacidades e da plenitude humana. Além disso, seu papel como formador de vínculos identitários deve ser também considerado, pois, nessa matriz, quando os encontros ganham regularidade, a sociabilidade excede a temporalidade do jogo propriamente dito³⁷.

Porém, a bricolagem forma times, em seu sentido provisório, às vezes com a duração de uma partida. Mas, não forma clubes.

Ainda, em determinado momento, o número de interessados pode se tornar maior do que comporte o tempo de intervalo ou o espaço das partidas. A prática pode se estender para os finais de semana e ganhar novos contornos organizativos. Nesse caso, corresponderia à matriz *comunitária* do futebol. Ancorada no tempo de lazer dos participantes, o futebol comunitário utiliza espaços mais padronizados que na bricolagem, mas sem a ortodoxia dos campos oficiais.

Essa matriz, que caracteriza o futebol de várzea, reproduz em menor escala as características da matriz *espetacular* – aquela regulada política e economicamente por agências, com constituição de um público, de dispositivos de preparação dos profissionais e com mediação especializada. Há frequentemente um técnico, um dirigente e talvez um massagista. Em campo, as funções são bem definidas, mas com margens ainda para o improviso. Assim como não há remuneração, nem treinos regulares durante a semana (o tempo do trabalho), e o circuito de disputa é local, no bairro e no município³⁸.

Mesmo que mais organizada que a bricolagem, ainda esta mais próxima do caráter humanizador do futebol do que sua versão espetacular e mercantilizada, pois se sua divisão de trabalho não é nula, como na bricolagem, mas ela ainda é precária. E seu caráter eminentemente local (o time da rua, do bairro, da seção ou da fábrica) também explicita os laços identitários de jogadores e da torcida.

³⁶ HELLER, Agnes. *Sociologia de la vida cotidiana*. Barcelona, Peninsula, 1977.p.372.

³⁷ DAMO, Op.cit, p.38.

³⁸ Idem, pp.41-42.

Mas, essa matriz vai demandar mais recursos: uniformes diferenciados, uma bola de couro, um lugar para guardar os equipamentos. Mesmo com a cotização, os valores podem ser insuficientes e a busca pelo apoio da Diretoria da fábrica torna-se uma saída viável.

Subsidiar a equipe de futebol dos operários é também uma oportunidade para os interesses dos industriais. Primeiro, a prática esportiva está de acordo com o ideário de disciplina e treinamento do corpo para o trabalho. A regulação do tempo, a cooperação para o alcance de uma meta produtiva (o gol), a regulamentação contribuem para habituar o corpo e a mentalidade à disciplina fabril. Segundo, propicia que a influência da fábrica – ou sua presença na vida cotidiana como referência – se dê para além dos muros e apitos da fábrica, ingressando no espaço do tempo livre. Por fim, além de formar uma imagem da empresa, internamente, como provedora das demandas dos seus operários, a equipe de futebol pode se tornar ainda, externamente, um instrumento de propaganda daquela empresa e de seus produtos.

A fábrica subsidiava as atividades do clube, que poderiam incluir desde a cedência de um terreno e equipamentos ao pagamento de impostos e despesas como energia elétrica, mas cobrava um retorno desses investimentos. Isto exigia, por sua vez, um aprimoramento das atividades organizacionais da agremiação. Consolidava-se uma diretoria, com elementos muitas vezes recrutados entre a gerência e por influência da fábrica³⁹. Acentua-se a divisão do trabalho dentro do time, com formação de uma equipe técnica, por exemplo. E em alguns casos, caminha-se em direção à profissionalização e a disputa em um sistema de maior visibilidade, como forma de ampliar a divulgação da fábrica

Essa política de subsídio esportivo será incorporada à prática de assistência patronal em implementação, como caixas de assistência, habitação, creches ou escolas, entre outras.

Assim, o futebol fora incluído entre os serviços de “disfarces de dominação”⁴⁰. Leite Lopes⁴¹ definira como *Sistema Paulista*, em referência à

³⁹ ANTUNES, Op. cit. pp.35-36.

⁴⁰ PESAVENTO, Op. cit.

cidade homônima de Pernambuco, essas relações que extrapolam a esfera da produção em direção ao controle material da própria esfera da reprodução da força de trabalho e onde a fábrica é promotora da vida social extra-fábrica. Esse sistema

aponta para uma estrutura de relações que se estabelece, no caso da fábrica e da vila operária de Paulista, envolvendo sob um mesmo controle centralizado a produção fabril, o domínio da moradia e da cidade, a produção agrícola da retaguarda territorial da fábrica e a circulação mercantil dos bens de consumo dos operários sob a forma de uma feira administrada. Além disso, esta estrutura de relações sociais contém a promoção e administração de atividades médicas, religiosas e recreativas, e também uma numerosa milícia particular garantindo o “governo local de fato” da *companhia* sobre estas múltiplas atividades⁴²⁴³

Entretanto, tal análise requer cautela para não resultar em uma conclusão mecânica e maniqueísta, onde o “pobre operariado” se vê “manipulado” pelos industriais, que transformam suas demandas em mecanismos de dominação. Os clubes, sim, foram utilizados como instrumentos de propaganda, fidelidade e disciplinamento pelas empresas. Mas, o subsídio da empresa é demandado pelos operários e, compreendo, como estratégia para acessar seus próprios interesses. No caso, a qualificação do uso de seu tempo livre.

A nomeação dos diretores ou proprietários para funções honorárias, como a presidência de honra, por exemplo, era uma tática recorrente para viabilizarem essas ações de subsídio⁴⁴. Porto Alegre oferece inúmeros exemplos: o industrial A.J. Renner fora patrono do time que levava o nome

⁴¹ LOPES, José Sérgio Leite. *A tecelagem no conflito de classe na cidade das chaminés*. Brasília: Editora Marco Zero; Editora Universidade de Brasília, 1988.

⁴² LOPES, Op. cit., p.21.

⁴³ O conceito construído por Leite Lopes (1998) é mais abrangente do que as políticas assistenciais. O padrão de dominação estabelecido por esse autor, também nomeado por “servidão burguesa”, inclui a formação de um operariado de origem rural a partir da proletarianização do campesinato; a concentração de poderes inerentes à situação fábrica - vila operária, reunindo nas mesmas mãos o poder do capitalista industrial e do proprietário territorial em oposição aos operários; a constituição de um “governo local de fato” da fábrica operária sobrepondo-se à autoridade pública da unidade administrativa da localidade; e o “transbordamento” da vila operária em um bairro ou cidade industrial maior, ou inversamente na sua “desindustrialização”.

⁴⁴ O estatuto do Bangu, por exemplo, incluía uma cláusula em que o presidente de honra do time será sempre o diretor da Companhia Progresso. O mesmo ocorria com outro clube operário, o Carioca F.C., da Companhia de Fiação e Tecelagem Carioca (PEREIRA, 2000,p.261).

de sua empresa. No anúncio de fundação do Fábrica Berta F.B.C., consta a nomeação como presidente, de um Sr. Carlos Noronha, um diretor da empresa. O Intendente municipal, o industrial Alberto Bins, fora homenageado como presidente de um torneio, assim como o interventor estadual, Flores da Cunha, demonstrando que essas demandas poderiam ser também direcionadas ao Estado.

Da mesma maneira, utilizar o nome da empresa como nome do clube pode ser, como criticavam os comunistas, uma forma de se estabelecer identidade entre os patrões e seus empregados, dissolvendo ou ocultando as contradições que se manifestam na linha de montagem. Por outro lado, também soma-se como provável instrumento dos operários para acessarem, pela via mais fácil, os recursos que necessitavam.

Esse mecanismo de associação entre times populares com representantes de outros interesses para alcançarem os próprios objetivos já fora ilustrado por Pereira⁴⁵, tratando dos clubes de bairros do Rio de Janeiro nas primeiras décadas do século XX. A busca por comerciantes, capitalistas ou homens de renome em seus bairros era um padrão desses clubes para superarem as dificuldades financeiras, na efetivação de uma arraigada prática de patronagem.

Além disso, Pereira (2000) e Antunes (1992) também demonstraram que essa opção cumpria uma função simbólica: ao relacionar o time a uma determinada autoridade, vinculava-o também a uma imagem de disciplina e ordem, em oposição à desordem e a vadiagem, resultando, logo, em maior credibilidade e respeitabilidade. Nesse aspecto, os clubes de futebol adotavam a mesma estratégia dos sindicatos, como visto na diferenciação que procuravam fazer entre os trabalhadores e as classes perigosas, a partir da valorização do trabalho.

Se considerarmos que os clubes que obtiveram maior regularidade, assim como aqueles sobre os quais permaneceram o maior número de registros, são em sua maioria times que utilizaram os nomes de suas empresas, esta estratégia parece ter sido bem sucedida.

⁴⁵ Op. cit, p.249.

A participação nos clubes de fábrica torna-se também uma estratégia de mobilidade ou manutenção social, na medida em que o emprego passa a ser vinculado ao desempenho não como operário, mas como jogador.

Para Leite Lopes, o vigor de uma forma de dominação pode ser avaliado por sua interiorização pelo próprio grupo dominado⁴⁶. Dessa forma, pode-se elencar uma série de parâmetros pelos quais se poderia aferir se esses times estariam mais próximos de constituírem-se como espaço de autonomia dos operários ou, ao contrário, como espaço de subordinação: o nome do clube, a forma de aquisição dos equipamentos e do local das partidas, a participação efetiva dos sócios, a presença de diretores da empresa em funções diretivas do clube, os tipos de campeonatos disputados e as ligas a que pertenciam, a oferta de outros esportes, as formas de sociabilidade extra-campo, os motivos que levaram à extinção e a participação dos operários (jogadores) nas greves e mobilizações da categoria no período.

Assim, clubes mais próximos da *bricolagem* ou inseridos na matriz *comunitária* estariam sob maior controle dos operários, enquanto as agremiações que se profissionalizaram estariam mais próximas da influência patronal. Não se trata de um modelo hermético, mas de parâmetros referenciais. Dentro desse critério, times formados por operários de mais de uma fábrica estariam menos sujeitos à dominação e controle.

Uma identidade em disputa: o caso do G.E. Renner

A trajetória do Grêmio Esportivo Renner, de Porto Alegre, é exemplar em demonstrar como a iniciativa autônoma dos operários, num primeiro momento, é em seguida apropriada e ressignificada pela fábrica, colocando-a a serviço de seus interesses econômicos ou publicitários.

Vinculado às empresas Renner, propriedade de A.J. Renner, um poderoso conglomerado de indústrias, que se estendia do ramo têxtil até os ramos da química e cimento, e que era conhecido por uma forte política assistencial, que inclusive antecipava algumas das políticas trabalhistas do

⁴⁶ Op. cit, p.32.

governo Vargas, ganhando a lealdade e a simpatia de seus funcionários, dificultando a ação sindical.

A agremiação surge por iniciativa dos próprios trabalhadores, a partir de disputas nas várzeas entre o time dos operários contra o time dos empregados nos escritórios. Em julho de 1931, os trabalhadores decidem unificar as equipes em um único clube, o *Grêmio Esportivo dos Empregados da firma A.J. Renner*.

Segundo a versão oficial da empresa sobre a criação do clube, publicada anos mais tarde, é que a “diferenciação de classes”, entre operários e empregados de outros setores, em especial nos escritórios, não durou muito, pois “desapareceram” as “diferenças sociais entre a numerosa família rennista, que sempre se mostrou unida, sem preconceitos e prevenções entre si”⁴⁷. Ainda segundo esta publicação,

Após um início de atividades promissor, marcado por vitórias, o time animou-se a convidar o patrão para assistir a um jogo, e o novo torcedor não tardou a doar também um terreno para a construção de um estádio.⁴⁸

Porém, Amaro Junior⁴⁹, descreve uma versão um pouco diferente. O apoio de A.J. Renner à agremiação dos operários não fora imediata, e durante seus primeiros anos a sede do clube fora na casa de um dos sócios, na Rua Frederico Mentz, sustentado apenas pelos próprios integrantes. Para sua manutenção, o clube cobrava uma mensalidade de Cr\$3,00, valor que fora mantido até 1944, e que corresponde, aproximadamente, ao pagamento por duas horas de trabalho na fábrica⁵⁰.

Entre os fundadores do Renner encontra-se, inclusive, um atuante militante comunista: o tecelão Modesto Zanatta. Entretanto, a ausência de outros nomes vinculados ao PCB entre os fundadores, sugere que Zanatta tenha participado da criação do clube pelo interesse pelo esporte e não por orientação partidária.

⁴⁷ 40 Anos Renner – Indústria do Vestuário – Uma organização vertical sem similar no país ou no exterior. Porto Alegre: Renner, 1952. p.109.

⁴⁸ Idem, p.110.

⁴⁹ AMARO JUNIOR. *Almanaque esportivo do Rio Grande do Sul*. Tipografia Esperança. 1946, pp.87-88.

⁵⁰ Segundo FORTES (2001, p.185), o salário masculino nas fábricas Renner oscilava entre Cr\$ 12,00 a Cr\$ 40,00 por dia.

Em seus primeiros quatro anos, o clube disputava suas partidas na Rua São José, via que dá acesso à fábrica, ou em campos de outras agremiações. Nesse período, também não se encontra filiado a nenhuma das ligas existentes em Porto Alegre e dedica suas atividades a jogos amistosos contra outras equipes operárias ou participando de torneios varzeanos, como ocorrido no campo do Grêmio, em outubro de 1933, com presença de 25 clubes, entre eles, outras equipes vinculadas a categorias profissionais, comerciários como os da Companhia Geral de Acessórios e Anglo Mexican, bancários como os do Sul Brasileiro e ainda o Gremio Sportivo Telephonica.

É frequente a referência ao Renner, nesses anos, como o “onze do Navegantes”, numa clara identificação entre o time e o bairro, mesmo existindo outros clubes (e também de operários) no Quarto Distrito, nessa mesma época.

A inauguração do estádio Tiradentes, em 1935, na rua Sertório, ao lado da fábrica, marca um novo período na trajetória dessa agremiação. O clube já havia alterado sua denominação para Grêmio Esportivo Renner e A.J. Renner já ocupava a presidência de honra da equipe, além de ter doado o terreno terraplanado, onde se erguia agora o novo estádio, o primeiro de uma equipe operária.

No ano seguinte, o Renner participa da fundação da Liga Atletica Porto Alegrense (LAPA) [sic]. Entretanto, a presença dos operários nas ligas não será tranquila: a equipe será desligada da Liga no mesmo ano por ceder seu campo para a realização do 1º Campeonato Popular de Futebol, organizado pelo jornal *Folha da Tarde*.

De imediato, o clube pediu sua filiação a outra liga, a Associação Metropolitana Gaúcha de Esportes Atléticos (AMGEA). Porém, o Renner só será aceito no ano seguinte, quando os grandes clubes da capital abandonam a AMGEA, defensora do amadorismo, para fundar uma liga profissional. Quando o futebol porto-alegrense unificou-se em 1939, o Renner foi rebaixado à segunda divisão, onde permaneceria até 1944⁵¹.

Ainda no início da década de 1940, o clube considerou a possibilidade de alterar seu nome para Industriários ou Navegantes, em

⁵¹ AMARO JUNIOR, Op.cit, pp.87-88.

virtude do decreto de nacionalização das equipes esportivas e que proibia o uso de nomes estrangeiros. Essa alteração reafirmaria as identidades de categoria e de pertencimento ao bairro.

Entretanto, prevaleceu a empresa. Não apenas no nome. No período de uma década, entre a inauguração do Estádio em 1935 e a adesão à profissionalização em 1945, o G.E. Renner foi afastando-se cada vez mais dos operários e tornando-se, de fato, propriedade da fábrica.

Não há documentação que precise essa transição. Provavelmente, os dispêndios com a participação nas ligas principais tornaram frequentes a necessidade de suporte financeiro e gradativamente a dependência financeira converteu-se em perda de autonomia. Em 1945, o clube já se encontra definitivamente incorporado à empresa e controlado de fato, não pelos operários, mas pelo Departamento esportivo da empresa.

Tal processo significava o afastamento dos operários não apenas da gestão do clube, mas também dos gramados. Segundo depoimento de Fernando Renner, neto de A.J. Renner, somente a partir da disputa da Divisão de Honra, em 1945, que os operários-jogadores passaram a ter o privilégio de sair uma hora antes para treinar⁵². Porém, é justamente nesse ano em que o clube adere definitivamente à profissionalização, contratando jogadores remunerados independente de estarem empregados ou não na fábrica.

Para a empresa, apropriar-se do clube significava, ao mesmo tempo, exercer o controle sobre a prática e a organização dos operários, através dos esportes amadores, e no time profissional, ter uma poderosa ferramenta de propaganda, pois, segundo Amaro Junior (1946), no ano de sua profissionalização, o Renner já era um dos clubes com maior número de torcedores em Porto Alegre.

A diretoria do clube também comprova a nova orientação que o clube assumia. No lugar dos operários, constam vários diretores e gerentes das

⁵² PAPÃO DE 54: a trajetória gloriosa do Renner, o time dos industriários. Direção de Alexandre Derlam. Produção executiva de René Goya. Porto Alegre: Estação Elétrica filme e vídeo, 2005. (65 min.). DVD.

seções ou lojas Renner entre os membros do Conselho Deliberativo. As assembleias gerais ocorrem não na sede do clube, mas da empresa⁵³.

Um dos padrões dos clubes de fábrica é a substituição dos operários-jogadores, aqueles cuja função primordial na empresa é o trabalho, pelos jogadores-operários, cujos empregos são apenas uma justificativa formal para sua presença nos times. Inicialmente, tratava-se de uma estratégia para driblar as restrições ao profissionalismo, mas com a adoção definitiva da remuneração no futebol, esse mecanismo passa a funcionar como complementação salarial. Como afirma o cronista esportivo Jorge Mendes, “Os clubes empregavam e o Renner tinha esta facilidade, porque tinha a fábrica. Eles admitiam o jogador como funcionário e pagavam a diferença como um contrato de luvas”⁵⁴.

A oferta de emprego na fábrica ou nas Lojas Renner eram um atrativo principalmente para os jovens jogadores de times de várzea. Esse fora o caso de Nery Onofre Camargo, o Sabiá, ponteiro-direito, contratado na várzea aos 17 anos. Durante sua trajetória no clube, dos juvenis ao time principal, passando pelos aspirantes e pelo torneio do SESI, Sabiá ocupava uma função no escritório da Gerência das Lojas Renner.

Além de complementação salarial, o emprego era também uma segurança para os jogadores já profissionalizados e contratados de outras equipes da primeira divisão. Como fora o caso de Ivo Andrade, com passagens pelo Grêmio e pelo São José; que lesionou-se gravemente no campeonato de 1954, obrigando-o a encerrar a carreira no ano seguinte. Fora do futebol, permanecera trabalhando como funcionário das Indústrias.

A esses jogadores eram reservados os trabalhos “mais leves”. O ponteiro-esquerdo Joecy atendia na sessão de utensílios domésticos e Ênio Andrade, irmão mais novo de Ivo e “cérebro” da equipe campeã em 1954, cuidava do departamento de discos, nas Lojas Renner. Seu cunhado, o quarto-zagueiro Olávio, também fora contratado da várzea para o trabalho de alfaiate, riscando e cortando pano. Outro zagueiro, Bonzo, era estafeta. O goleiro Valdir Moraes, formado em contabilidade, trabalhava no

⁵³ BOLETIM RENNER, ano 6, n.º68, novembro de 1950, p.19.

⁵⁴ PAPÃO DE 54, Op. cit.

departamento da malharia, juntamente com o atacante Juarez e o zagueiro Orlando⁵⁵.

Fora nesse último ciclo do clube, altamente especializado e profissional, que o Renner excursionaria pelo país, disputaria amistosos internacionais e venceria o Torneio Extra – espécie de “aquecimento” para o campeonato principal no início da temporada – em 1952 e 53, e, principalmente, no ano seguinte, conquistara o campeonato municipal e o campeonato estadual, vencendo com três rodadas de antecipação e invicto.

Quanto aos operários, de fato, da Renner, alijados da gestão e dos gramados, a empresa oferecia outras opções de lazer, tuteladas pela própria empresa. Tanto no Clube das Lojas, quanto no Grêmio Esportivo das Indústrias ofereciam a prática de atletismo, vôlei, basquete, pingue-pongue, xadrez e tênis.

Além disso, a atuação dos operários ficou restrita aos torneios classistas organizados pelo SESI, sempre disputados no Primeiro de Maio, e com grande assistência de público. O Renner vencera a competição diversas vezes, porém, como visto no caso do ponteiro Sabiá, a empresa poderia inscrever jogadores que estavam a caminho da profissionalização para fortalecer o time e, novamente, ocupando o espaço dos operários de fato.

Paradoxalmente, enquanto internamente, o Renner era cada vez menos um time dos seus próprios operários; fora da fábrica, nas arquibancadas, o clube tornava-se cada vez mais o time do bairro operário do Quarto Distrito (São João e Navegantes) e dos operários em geral, independente de qual empresa trabalhassem. O crescimento da abrangência de sua torcida foi significativo: em 1946, o Renner possuía mais de 1.200 associados. No ano do fechamento do Departamento de Futebol, o número de associados ultrapassavam os 5 mil sócios.

Em parte, esse crescimento se deve às campanhas do próprio clube em ampliar seu número de sócios, para além dos empregados da fábrica. Em 1953, uma nova campanha estimulava os torcedores já associados a

⁵⁵ MICHIELIN, Francisco. *Uma vez para sempre*. Caxias do Sul, RS: Maneco, 2009.

trazerem amigos e parentes para a agremiação⁵⁶. Além disso, o bom desempenho do clube, especialmente na década de 1950, quando nunca ficara abaixo do terceiro lugar, ampliava a simpatia de torcedores, oriundos do interior ou órfãos de clubes que deixaram de existir, e que procuravam uma alternativa aos times da dupla Gre-Nal, que naquele momento já hegemonizavam as disputas metropolitanas.

Ao mesmo tempo, a torcida do G.E. Renner parecia construir simbologias de identidade muito maiores com seus pares de classe e com o bairro Navegantes do que com a empresa. Os torcedores identificavam o clube como “Grêmio Esportivo Renner, o time dos trabalhadores”⁵⁷ e era tratado pela imprensa como “o time dos industriários”. O mascote “oficial” do clube representava um alfaiate. Nos jornais, porém, o time era representado nas charges com o uniforme típico de um operário.

Para a fábrica, que via no clube um veículo de propaganda, a torcida também era alvo das pretensões de controle. Em 1946, foi criado o Departamento de Torcida para que, associados ou não, comparecessem “a todos os jogos em que tomarem parte as nossas equipes de futebol, incentivando, com uma torcida organizada e disciplinada, os nossos esportistas à vitória”⁵⁸.

De acordo com Horn e Mazo (2009), a torcida deveria se portar com um lema particular: cordialidade esportiva, educação e ordem. Novamente, a expectativa da empresa com o comportamento dos operários era transferida agora para a torcida, de maneira que a idéia de “ordem e organização” permanecesse como atributo da “marca Renner”, mesmo sobre algo que, na verdade, não pertencia à fábrica: os torcedores.

A conquista do título de 1954 demonstrou que o clube já ultrapassava os muros da fábrica e, mesmo que não tenha repetido a façanha de 1954, realizou campanhas dignas de uma terceira força da capital. Fora terceiro colocado em 1955, 1957 e 1958 e vice-campeão em 1956. Assim, o fim das atividades do futebol profissional, no início de 1959 - tomada exclusivamente

⁵⁶ BOLETIM RENNEN, n.º95.abril de 1953.

⁵⁷ HORN, Lucas Guimarães e MAZO, Janice. Um estudo histórico sobre a torcida do ‘Grêmio Esportivo Renner’ de Porto Alegre/RS(1945-1959)in: *Pensar a Prática*, 1-13, maio/ago. 2009.

⁵⁸ BOLETIM RENNEN, 1946,p.14.

pela própria empresa - surpreendeu jogadores, imprensa e torcida. O argumento habitualmente utilizado é que as despesas do clube tornaram-se volumosas demais para serem arcadas pela fábrica, como se pronunciou oficialmente em nota, o próprio A.J. Renner⁵⁹.

O fim do clube, sintomaticamente, prenunciava também a decadência das Indústrias Renner. No ano seguinte, o patriarca do conglomerado, A.J. Renner, faleceria. O próprio time de futebol e a administração das empresas pelos herdeiros foram utilizados para justificar a estagnação e a descentralização gradual em empresas separadas.

Entretanto, não basta a administração econômica do clube para que a empresa introjete os valores de dominação que deseja e que estes sejam aceitos passivamente. Um clube de futebol é uma instituição político-administrativa, mas nem por isso deixa de ser uma representação, uma mediação entre uma dada equipe e um dado torcedor, entre um significante e um significado. O clube representa uma determinada comunidade de sentimentos⁶⁰.

Como demonstrara Damo⁶¹, o pertencimento clubístico transcende o indivíduo, na medida em que implica a identificação deste com uma coletividade. E esta coletividade poderia ser uma vizinhança, um espaço geográfico, mas também uma classe. Hobsbawm⁶² chamara atenção de como o operário inglês identificava-se com seu time “contra o resto do mundo” e de como o futebol tornara-se parte do universo operário, na medida em que torcer por um time “unia todos que viviam em Blackburn, ou Bolton, ou Sunderland”.

A mesma conclusão que chegara Hoggart⁶³, referindo-se às equipes de rugby de bairros operários, onde a “equipa local constitui elemento importante na vida de grupo do distrito. São, como é costume dizer-se com

⁵⁹ MICHELIN, Op. cit., p.298.

⁶⁰ DAMO, Op. Cit, pp.71-72.

⁶¹ Idem, p.90.

⁶² Op. cit, p.291-294.

⁶³ HOGGART, Richard. *As utilizações da cultura. Aspectos da vida da classe trabalhadora, com especiais referências a publicações e divertimentos*. Lisboa: Editorial Presença, 1973. volume I.p.172.

orgulho, ‘os nossos rapazes’, e muitos deles são rapazes do bairro — antigos mineiros ou operários de fundição, homens muito fortes”.

Assim, independente dos interesses comerciais da Renner em divulgar seus produtos através do clube, o clube tornou-se uma “comunidade de sentimentos” conotativa do bairro São João – Navegantes e de sua natureza operária. Perceba-se que a torcida o definia como o “time dos industriários” ou “dos trabalhadores”, e não como o “time dos industriários ou dos trabalhadores *da Renner*”. E ainda como o “onze do Navegantes”.

Para os operários, à medida que o mundo se vai tornando cada vez mais fluido, a família e o bairro passam a constituir, ainda mais do que antes, o mundo real e cognoscível. De maneira, que os indivíduos sentem cada vez mais a necessidade de se integrarem num grupo local⁶⁴.

Para Damo⁶⁵, a importância dos clubes de fábrica reside justamente em seu papel de coesão e produção de identidades sociais. Principalmente diante da formação dos aglomerados urbanos, constituídos por imigrantes estrangeiros ou camponeses; fundamentalmente, desterritorializados e, por isso, carentes de um sentido de comunidade. Mesmo com seu desaparecimento,

Os clubes de fábrica deixaram importante contribuição para as próprias classes trabalhadoras, demonstrando, através das performances irregulares, que se ganha ou se perde mas se permanece num mesmo lugar. Contribuíram também para a coesão social nos bairros e vilas operárias e na consolidação, no âmbito do pertencimento clubístico, de uma série de valores morais, entre os quais se inclui a noção de fidelidade ao clube pelo qual se torce, especialmente quando esse clube, como no caso dos clubes de fábrica, representava não apenas a patronagem mas, fundamentalmente, proporcionava certa notoriedade ao operariado⁶⁶.

E, ainda que fossem vistos, por anarquistas e parte dos comunistas, como “ferramentas de manipulação” dos operários, os clubes de fábrica

⁶⁴ HOGGART, Op.cit, p.126.

⁶⁵ DAMO, Arlei. *Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002 (coleção academia). pp.47-49.

⁶⁶ Idem, p.49.

também contribuía para formar uma auto-imagem positiva do operariado, exatamente como pretendida pelo movimento sindical. Os mesmos valores de disciplina e ordem, que os anarquistas reivindicavam para distinguir os trabalhadores das “*classes perigosas*”, eram reivindicados com uma característica do G.E. Renner e de sua torcida.

Já alertara Fortes⁶⁷ que o elemento distintivo da identidade classista pode, em muitos momentos, não estar explícito no discurso, mas residir em opções como a adesão a organizações que buscam o atendimento de certas demandas no âmbito das relações mútuas entre pares, definidos por sua condição de classe. Assim, da mesma forma como os sindicatos, círculos operários ou associações mutualistas, os clubes operários de futebol também buscam o atendimento de uma determinada demanda: o uso do *tempo livre*. Na mesma medida em que surgem a partir de um local de sociabilidade, o bairro operário ou a fábrica, oferecem um novo espaço para a manifestação para esta sociabilidade e, nesse processo, afirmam laços de solidariedade.

O processo de identificação não se dá apenas por *aproximação* entre iguais, mas é também *contrastiva*. A identidade determina quem é o grupo, mas também quem é o rival. Assim, se esses clubes se autodefiniam como “times operários”, reafirmavam portanto uma identidade que só pode ser atribuída em antagonismo à outra. Neste caso, os industriais.

Segundo Hoggart⁶⁸, para o operariado, o mundo divide-se entre “Nós” e “Eles”. Onde “Eles” são todo e qualquer membro das outras classes. O mundo “Deles” é o mundo dos patrões. E “Eles” têm tanto mais poder sobre as pessoas quanto mais pobres elas são, pois intervêm nos mais diversos aspectos da vida de cada um. Retornando ao futebol, Damo demonstrara como o pertencimento a um determinado sistema clubístico consubstancia dadas percepções do mundo ou da cidade⁶⁹.

Assim, o não-ingresso da maior parte dos clubes operários nas ligas, no início dos anos 1930, inclusive naquelas mais populares como as Ligas

⁶⁷ FORTES, Alexandre. Da solidariedade à assistência: estratégias organizativas e mutualidade no movimento operário de Porto Alegre na primeira metade do século XX. In: *Cadernos. AEL*, Campinas (SP), v.6, n.10/11,1999, p.213.

⁶⁸ Op. cit, p.87-88.

⁶⁹ Op. cit, 2005,p.87.

das “*Canelas pretas*”, preferindo amistosos entre os próprios clubes operários ou outras empresas, pode ser interpretado como uma opção consciente em permanecer praticando o jogo entre “nós”, ao invés de buscar a aceitação “deles”, os grandes clubes de elite ou os times dos bairros das “classes perigosas”. Afirmando sua própria singularidade frente a seus “outros”, explicitavam uma ligação que fazia deles companheiros de uma mesma jornada⁷⁰.

Sejam nas linhas de montagens, como também nas ruas e gramados, nos bailes e botecos, há uma disputa e tensão em torno do controle e da organização do espaço de *não-trabalho*. A exigência de disciplinar uma classe operária – nascente nos aglomerados urbanos – para o trabalho ordenado e para a produtividade industrial, pressupunha regular todas as dimensões da vida.

Nesse contexto, os times operários de futebol são também campos privilegiados para essa disputa – ora manifestação da autonomia e organização dos operários, ora podendo ser reapropriada pelas fábricas a serviço de seus interesses. Assim como as políticas assistenciais patronais, em que muitos estavam inseridos, não podem ser compreendidas como concessões ou mera subordinação. São expressão também de demanda, de organização e de reivindicação. E, ainda assim, o controle absoluto sobre toda e qualquer dimensão humana é impossível. Há sempre margens para resistências e negociações, para busca de determinados ganhos. Os clubes de fábrica não apenas garantiam aos operários a prática de um esporte até pouco tempo enclausurado em eventos sociais da elite como, ao mesmo tempo, proporcionavam espaços de sociabilidade, onde construía-se laços de solidariedade e identidade.

Recebido em 09.01.2014
Aprovado em 09.05.2014

⁷⁰PEREIRA, Op.cit,p.268